

**AS EXPRESSÕES “TUDO DE BOM” VS “TUDO”  
NO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM**

*Carmelita Minélio da Silva Amorim* (UFES)

[Carmel\\_msa@yahoo.com.br](mailto:Carmel_msa@yahoo.com.br)

*Lays de Oliveira Joel Lopes* (UFES)

[layslopes@gmail.com](mailto:layslopes@gmail.com)

*Lúcia Helena Peyroton da Rocha* (UFES)

[lhpr@terra.com.br](mailto:lhpr@terra.com.br)

*Mônica dos Santos Souza* (UFES)

[Monica.vit@hotmail.com](mailto:Monica.vit@hotmail.com)

*Poliana Claudiano Calazans* (UFES)

[polianazans@hotmail.com](mailto:polianazans@hotmail.com)

**1. Introdução**

A vertente funcionalista de estudo entende que a língua é uma estrutura dinâmica, por isso passível de variações e mudanças, para assim adaptar-se as pressões internas e externas do sistema linguístico, como ressalta Furtado da Cunha e Souza (2007). Dessa forma, torna-se inviável a análise linguística desvinculada do contexto de uso em que determinado enunciado foi produzido.

Embasados nessa área do conhecimento, propomo-nos a refletir acerca do uso das expressões “tudo de bom” vs “tudo” no gênero propaganda. Sabe-se, como atesta Sandmann (2007) que o objetivo primeiro da publicidade é chamar a atenção do consumidor/interlocutor, para em seguida motivá-lo a adesão da causa proposta em tela, seja esta de cunho político, mercadológico, religioso, seja, de tantas outras finalidades. De acordo com Maingueneau (2004),

A publicidade visa, com efeito, persuadir, associando o produto que vende a um corpo em movimento, a um estilo de vida, uma forma de habitar o mundo; como a literatura, a publicidade procura 'encarnar', por meio de sua própria enunciação, aquilo que ela evoca, isto é, procura torná-lo sensível (p. 100).

Nesse movimento de persuasão, a linguagem é importante instrumento, uma vez que deve ser acessível ao seu público alvo. Assim, por diversas vezes, na tentativa de aproximar-se de seu interlocutor, o locutor responsável da propaganda utiliza-se de estruturas cotidianamente vistas na linguagem informal, como no caso da expressão “tudo de bom”. Contudo, sabendo que a língua é dinâmica e maleável e plenamente adaptável

a situações comunicativas, nota-se que algumas estruturas são passíveis de variação. A este respeito, Labov (2008) afirma que esse processo de concorrência com outras formas pode culminar em dois resultados: (i) a variante primeira ser substituída pela inovadora; ou (ii) ambas podem conviver em harmonia. Nesse sentido, nosso objetivo é perceber a expressão “tudo de bom” em situação de uso real, para então refletirmos acerca das motivações que fizeram com que esta entrasse em um possível um processo de variação com “tudo”, primeiramente na linguagem cotidiana, e mais tarde incorporada pelo gênero propaganda aqui analisado.

Para isso, partiremos de uma breve releitura de alguns autores que se atem ao surgimento do funcionalismo, assim como suas principais postulações. Em seguida, buscaremos entender como essa escola linguística entende o conceito de gramática. Refletiremos ainda sobre as expressões “tudo de bom” vs “tudo” no contexto de uso do gênero propaganda. Para, por fim, analisar algumas peças publicitárias e tecer algumas considerações acerca do tema tratado.

## **2. A linguística centrada no uso**

Ao dissertar acerca da ideia de que os estudos linguísticos funcionalistas baseiam-se no uso, cabe retomar alguns pressupostos veiculados no Círculo Linguístico de Praga ou Escola Linguística de Praga, importante marco ao advento do funcionalismo. Segundo Neves (1997), a Escola de Praga reuniu estudiosos da linguagem por volta de 1930, na intenção de refletir acerca das postulações veiculadas até essa data.

Marco nos estudos linguísticos, enquanto ciência, foi a publicação da obra póstuma de Saussure *Curso de Linguística Geral*, em 1916. Entretanto, havia inquietudes quanto às asserções saussurianas, que defendiam o estudo da língua dissociado do social. Cabe mencionar que Saussure (1955) reconhece a importância do social na comunicação, contudo, opta por restringir suas considerações à língua enquanto sistema.

No Círculo de Praga, desenvolve-se a visão da corrente funcionalista, que surge exatamente a partir desse corte saussuriano, uma vez que entende a língua como sistema linguístico, porém a vislumbra está intimamente relacionada à situação comunicativa. Na escola funcionalista, a relação entre estrutura gramatical das línguas e diferentes contextos de uso passam a integrar os estudos sobre a linguagem. Entretanto, é errônea

a ideia de que a escola Estruturalista e a Funcionalista são totalmente dissociadas, como afirmam Paveau e Sarfati (2006).

As autoras defendem que há regularidades e contrapontos que aproximam essas duas tendências, haja vista que o pensamento dos pragmatistas parte da postura de língua como estrutura. Porém, estes vão mais além ao defender que essa estrutura é determinada pelas funções exercidas através dela.

Diante disso, na visão das autoras, “os funcionalistas são estruturalistas na medida em que seu objeto é de fato a língua como sistema, mas eles acrescentam uma outra dimensão, aquela contida no termo *funcional*” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 118). Furtado da Cunha (2010) tem pensamento consonante ao das autoras citadas no tocante à importância dos estudos estruturalistas no advento do funcionalismo, em especial, o movimento europeu. Deve-se destaque entre os precursores na vertente europeia, Nikolaj Trubetzkoy, com estudos na área de fonética e fonologia; Jakobson que disserta acerca das funções da linguagem; Mathesius, sobre a organização da sentença sob um viés funcionalista.

A partir do estruturalismo, ressalta Furtado da Cunha (2010), o funcionalismo também adquire uma abordagem norte-americana, impulsionada por Dwight Bolinger ao considerar a pragmática em suas pesquisas. Mas, é apenas em 1975 que as análises linguísticas passam a ser classificadas como funcionalistas, a partir do repensar de conceitos estruturalistas e gerativistas.

Nessa vertente, entende-se que a língua está intimamente ligada ao contexto linguístico e a situação extralinguística. Diante do exposto, conclui-se que o funcionalismo inova ao conceber:

A linguagem como um instrumento de interação social [...] Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua (FURTADO DA CUNHA, 2010, p. 157).

Nota-se que ao considerar os integrantes da comunicação e todo contexto relacionado à situação comunicativa, os funcionalistas fundam uma metodologia de estudo da língua centrada no uso, em que as regularidades são observadas por meio de situações reais de uso da língua, sendo assim, relacionadas a condições discursivas em que se inserem.

Nesta perspectiva, Cunha, Costa e Cezario (2003) em *Linguística Funcional: teoria e prática*, ao falarem sobre o funcionalismo linguístico

contemporâneo observam uma forte vinculação entre discurso e gramática, discurso entendido, segundo os autores, apenas relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa. A sintaxe, dessa maneira, adquire sua forma em razão das estratégias de organização de informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Portanto, nas análises de cunho funcionalistas, precisa-se compreender o fenômeno sintático, estudar a língua em uso, porque é nesse espaço que a gramática é constituída.

### **3. Da gramática comparativa à gramática funcional**

As primeiras reflexões sobre a língua remontam-se ao século V A.C. com os famosos filósofos gregos Platão, Sócrates e Aristóteles, que estudaram as relações entre conceito e palavra. Surge, então, uma gramática com fins pedagógicos com o intuito de proteger o grego das corrupções (FRANCHETTO; LEITE, 2004, p. 15-16).

Anos mais tarde, mais precisamente no século XVI, com o advento do Renascimento das letras e das artes, as mudanças sociais e políticas que se operaram – tais como a expansão territorial da Europa e a conquista e colonização do chamado Novo Mundo – tiveram consequências diretas nos caminhos dos estudos da linguagem. Decretou-se o fim do obscurantismo medieval e a volta ao estudo do grego e do latim. Além disso, os horizontes linguísticos também se ampliaram com as análises do hebraico e do árabe e com os estudos sistemáticos das línguas vivas da Europa.

O fluxo contínuo de viajantes que acompanhavam a expansão das fronteiras do mundo ocidental trazia consigo dados e informações provenientes das diferentes línguas e povos, o que culminou em um reconhecimento da diversidade linguística e cultural, impulsionando, assim, novas linhas de investigação. Assim, em “fins do século XVIII, intelectuais europeus iniciaram, em meio a uma conjuntura de crescente interesse pelas civilizações antigas, o estudo do sânscrito, língua clássica dos hindus (Índia)” (FARACO, 2005, p. 132). Tem-se como primeira data referencial deste período o ano de 1786, em que *Sir* William Jones – um funcionário inglês radicado na Índia – apresentou uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala, destacando as possíveis relações históricas entre o sânscrito, o grego, o latim e as línguas germânicas. Escreveram-se, na

seqüência, várias gramáticas e um dicionário do sânscrito. Ao mesmo tempo,

fundou-se em Paris, em 1795, a Escola de Estudos Orientais, que se tornou um importante centro de investigação e onde estudaram os intelectuais alemães – Friedrich Schlegel (1772-1829) e, em particular, Franz Bopp (1791-1867) – que desenvolveriam, em seguida, a chamada gramática comparativa (FARACO, 2005, p. 132-133).

A última metade do século XIX, por sua vez, ficou caracterizada como a época dos neogramáticos, uma nova geração de estudiosos da língua relacionada com a Universidade de Leipzig, na Alemanha, que criticaram essa perspectiva da gramática comparada centrada na reconstrução do passado. Segundo eles, era mais importante estabelecer uma orientação metodológica diferente voltada para a interpretação da mudança linguística. De acordo com Osthoff e Brugmann,

Só o comparatista que abandona a atmosfera carregada de hipóteses de laboratório onde se forjam as formas-mães do indo-germânico, para emergir à luz da realidade tangível e do presente, a fim de retirar dela a informação que a teoria ignora ou não pode jamais fornecer, pode chegar a uma apresentação exata da vida e das transformações das formas linguísticas (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 25).

A hostilidade desses novos gramáticos às concepções românticas do século que chega ao fim faz-se evidente; e eles, apoiados nos princípios do positivismo, acentuam em seus trabalhos, antes de mais nada, a regularidade das leis fonéticas.

Uma vez que a primeira etapa em qualquer disciplina que se queira científica é ter um método seguro de classificar seus objetos, coube ao linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) e seu *Curso de Linguística Geral*, no início do século XX, circunscrever o objeto específico da linguística e defini-lo, sendo considerado, desde então, como o fundador da linguística moderna.

O estruturalismo foi um movimento impulsionado quase que simultaneamente na Europa – com Humboldt, Gabentelez e Saussure – e nos Estados Unidos, com Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Entre as mais importantes das diversas escolas de linguística estrutural surgidas na Europa na primeira metade do século XX, se destacam a Escola de Praga, cujos representantes mais notáveis foram Troubetsky e Jakobson, e a Escola de Copenhague, que girou em torno de Louis Hjelmslev.

Os estruturalistas concebiam a língua como uma estrutura, que Saussure denominava como sistema, e se propunham a descrevê-la. Dessa forma, defendiam a ideia de que os elementos da língua só adquirem valor quando relacionados com o todo de que fazem parte ou, como escreve Orlandi (1992, p. 25), que “qualquer unidade linguística (...) se define pela posição que ocupa na rede de relações que constitui o sistema total da língua”. Dentro dessa perspectiva, os linguistas se ocuparam do estudo da língua em seus diferentes aspectos: fonética – vista por alguns como uma ciência autônoma – fonologia, semântica, sintaxe e morfologia.

O ícone desse movimento foi o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). A publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, realizada a partir das notas de seus alunos no período entre 1906-1911, aparece como texto fundador da linguística moderna repousando sobre o estudo da língua como sistema. “O trabalho de Saussure instaura, com efeito, uma ruptura com a linguística comparatista de sua época, propondo uma abordagem não histórica, descritiva e sistemática (dir-se-á, mais tarde, “estrutural”)” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 63). Seus conceitos foram largamente explorados; dentre eles, destacamos as famosas dicotomias – os quatro pares de conceitos que fazem uma síntese das propostas saussurianas para um novo objeto teórico para a linguística: sincronia vs. diacronia, significante vs. significado, paradigma vs. sintagma e língua vs. fala. Sendo esta última a antinomia fundamental da sua teoria, uma vez que, definindo uma e outra, Saussure define o objeto da linguística: a língua.

Segundo Azeredo (2000, p. 23), “a contribuição do estruturalismo foi decisiva em dois aspectos dos estudos da linguagem: o epistemológico e o metodológico”, e foi a partir desse movimento que “a análise sincrônica dos sistemas gramatical e fonológico passou a ser encarada como atividade científica” (p. 22).

A busca de estabelecer a cientificidade nos estudos linguísticos, como vimos, teve no estruturalismo de Saussure os seus primeiros resultados. Devido a algumas limitações dessa abordagem, principalmente na área da sintaxe, contudo, por volta dos anos 50 quando o estruturalismo havia chegado ao seu ápice, surgiu um novo modelo que procurava explicar como as orações se constroem, definindo, assim, a gramática como um sistema de regras. Esse novo modelo foi criado por Chomsky, discípulo de Harris (1909-1992) e denominado de Gerativismo, segundo ele, porque permitia “a partir de um número limitado de regras, gerar um

número infinito de seqüências que são frases, associando-lhes uma descrição” (ORLANDI, 1992, p. 38). Chomsky alinha-se ao novo paradigma, denominado “revolução cognitiva”, que se opõe ao behaviorismo, ao empirismo e ao funcionalismo, vigorantes até meados do século XX.

O novo modelo preconiza ser o alvo do estudo linguístico não mais a descrição sistêmica da produção e do processamento da fala, mas a caracterização do modelo computacional subjacente à faculdade humana da linguagem. Com essa mudança, a linguística deixa de ter como interlocutor as ciências sociais e passa ao domínio da psicologia cognitiva. Com o desenvolvimento de sua teoria, Chomsky instituiu a noção de estrutura superficial, que corresponde ao componente fonológico, e a noção de estrutura profunda; distinguiu competência e desempenho; e defendeu a existência de uma Gramática Universal, que se apontava para as similaridades da língua (FRANCHETTO; LEITE, 2004, p. 47).

Assim, a própria concepção de estrutura para Chomsky, não se iguala à de Saussure, nem a corrobora, uma vez que ajusta a estrutura a um conjunto de regras e não à propriedade opositiva da língua como um produto social. Atualmente, no palco linguístico, dois modelos concorrem na questão da origem da linguagem e nos estudos linguísticos:

O programa minimalista de Noam Chomsky, professor do *Massachusetts Institute of Technology*, e um novo funcionalismo, cuja combativa figura de proa é Talmy Givón (1936-), professor da Universidade de Oregon. No programa minimalista de Chomsky o alvo é a formalização de uma gramática universal única, já que a faculdade da linguagem é igual para todos os homens e independe, assim, de fatores sociais e geográficos ou de limites da execução. O que se procura retratar é um falante/ouvinte ideal. (...) O movimento inverso de Talmy Givón tem como ponto de partida a produção e suas variações e motivações funcionais, o condicionamento da linguagem ao contexto cultural e à pragmática comunicativa, enfim, aos fatores que condicionam a execução, como limitação da memória, tempo e estratégias de processamento, acessibilidade ao contexto cultural compartilhado *etc.* (FRANCHETTO; LEITE, 2004, p. 47-48).

Em se tratando de gramáticas, concorre, assim, além dos modelos gramaticais supracitados, a gramática *normativa* ou *prescritiva* que dita as regras a serem seguidas e que desconsidera a mudança e as variações sofridas pela língua ao longo do tempo; aquela padronizada que chega à educação básica cujos ideais de correção são larga e erroneamente difundidos; e a gramática funcional, modelo selecionado pelo presente trabalho, uma vez que tal abordagem leva em conta, “além dos aspectos estruturais, sistêmicos, os aspectos relativos aos fins, aos propósitos do usuário ao construir e usar uma determinada expressão linguística” (DECAT, 1999, p. 215).

Por gramática funcional, entende-se, portanto, aquela que parte da fala para a escrita, que revela os

mecanismos e processos que regem essas modalidades dentro de um *continuum*, atentando para condições de produção, para as pressões do uso sobre o sistema, enfim, tendo a convicção de que não há regras absolutas, mas regras para o uso social adequado da linguagem (DECAT, 1999, p. 218).

Em suma, a gramática funcional, segundo Hopper, é sempre provisória e, portanto incompleta, uma vez que tem a sua origem no discurso.

Para os funcionalistas, a gramática não pode ser compreendida ou estudada sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos que governam seu surgimento. As regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. Na teoria funcionalista, a variação linguística é interpretada como um estágio da trajetória de regularização gramatical das formas linguísticas. Estudar a língua sob a perspectiva discursivo-textual permite, assim, que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que ela é a própria língua em uso (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 23).

#### **4. Algumas concepções sobre contexto**

Ao refletir acerca dos fenômenos linguísticos, é importante observar a motivação implícita no uso de uma ou outra forma/expressão em seus eixos paradigmático e sintagmático, isto é, dentre as diversas escolhas que se pode fazer, prioriza-se uma forma e não outra, faz-se alçamentos, topicalizações, lança-se mão de metáforas, muitas vezes a elipse faz-se necessária para evitar repetições, enfim, no jogo da linguagem os atores sociais envolvidos vão sempre criando estratégias linguísticas para dar sentido aos enunciados no intuito de prender a atenção de seu interlocutor ou de seu público alvo. É neste sentido que se observa a importância da análise da situação comunicativa em nossas análises linguísticas, e não somente, mas de todo contexto que envolve um enunciado.

Antes de se fazer uma análise dos contextos de uso das expressões “tudo de bom” e “tudo”, serão apresentadas algumas concepções de contextos contidas em *Desvendando os segredos do texto* de Koch (2003). Assim, logo na epígrafe do capítulo “texto e contexto”, a linguista traz uma fala de Malinowski (1923) em que observa que um enunciado só faz sentido quando colocado dentro de seu contexto de situação. Para ele, a situação em que as palavras são usadas nunca poderá ser descartada como irrelevante para a expressão linguística. Inclusive, segundo Koch

(2003), foi Malinowski quem criou os termos “contextos de situação” e “contexto de cultura”.

A linguista acrescenta que Firth (1957), partindo das ideias de Malinowski, enfatizou o “contexto social” e defendeu que as palavras e sentenças somente têm sentido dentro de seus contextos de uso. Além dos autores citados acima, a autora também oferece a noção que Hymes (1964) apresentou sobre o assunto e seus elementos caracterizadores, o esquema SPEAKING – que permite caracterizar o contexto de situação, são eles: S – Situação (cenário, lugar); P – Participantes (falante, ouvinte); E – Fins, propósitos, resultados; A – Sequência de atos ( forma da mensagem / forma do conteúdo; K – Código; I – Instrumentais (canal/formas de fala; N – Normas (normas de interação/normas de interpretação; G – Gêneros.

Furtado da Cunha e Souza (2011) ao falarem sobre a linguística sistêmico-funcional de Halliday, também fazem uma discussão sobre os dois tipos de contextos de Malinowski, o contexto de cultura e o contexto de situação. Assim, no primeiro tem-se “a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular” (p. 25), com isso, falantes e ouvintes usam a linguagem em contextos específicos, imediatos, conhecidos na linguística sistêmico-funcional como contextos de situação. Elas observam que a combinação desses dois contextos resulta em semelhanças e diferenças entre um texto e outro, ou entre um gênero e outro. As autoras também acrescentam que no contexto de situação estão as características extralinguísticas dos textos, isto é, o que dão substância às palavras e aos padrões gramaticais que falantes e escritores usam, conscientemente ou não, para construir os diferentes gêneros, e que os ouvintes e leitores usam para identificar e classificar esses gêneros.

Neste sentido, Furtado da Cunha e Souza (2011) dizem que essas diferenças entre os gêneros podem ser atribuídas a três aspectos constitutivos do contexto de situação, são eles: o campo, a relação e o modo. O primeiro, segundo as autoras, diz respeito à natureza da prática social, ou seja, corresponde ao que é realmente dito ou escrito sobre algo. No segundo aspecto, o de relação, diz respeito à natureza do envolvimento entre os participantes da situação, isto é, pode ser formal ou informal, mais afetiva ou menos afetiva. Por último, o aspecto modo refere-se ao meio, ou canal, de transmissão da mensagem e diz respeito ainda ao papel da linguagem na interação.

De acordo com as linguistas, esses parâmetros do contexto de situação afetam nossas escolhas linguísticas porque refletem as três funções que constituem os propósitos principais da linguagem, isto é, as metafunções que Halliday denominou sendo ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional, segundo elas, representa/constrói os significados de nossa experiência, tanto no mundo exterior (social) quanto no mundo interior (psicológico). Já a segunda metafunção refere-se à interação e aos papéis assumidos pelos participantes mediante o sistema de modo (indicativo, imperativo, estruturas interrogativas) e modalidade (auxiliadores modais, elementos modalizadores). A última metafunção, a textual, diz respeito ao fluxo de informação contido no texto e é responsável por organizar a textualização por meio de sistema temático.

### 5. *O corpus em análise*

Será realizada, a partir desse momento, uma análise das expressões “tudo de bom” e sua variante “tudo” no *corpus* selecionado. Observa-se que a escolha e utilização de uma ou outra expressão está diretamente relacionada aos propósitos comunicativos do enunciador.

Para análise das expressões citadas em contextos de uso foram selecionadas duas imagens com as estruturas sintáticas – sujeito + verbo de ligação + tudo de bom / sujeito + verbo de ligação + tudo.

Como se observa nas propagandas abaixo.

No anúncio publicitário da Gaston (**PROPAGANDA 01**), empresa especializada em moda adulta e infanto-juvenil, encontraram-se dois casos com a seguinte estrutura: sujeito + verbo de ligação + “tudo de bom”. São eles: 1) Volta às aulas é tudo de bom, 2) Moda com prazo é tudo de bom. No primeiro caso, tem-se a seguinte estrutura morfológica: substantivo (volta) derivado de verbo significativo (voltar) + preposição (a) + artigo (a) + substantivo simples (aulas) + verbo de ligação (ser) + pronome indefinido + locução adjetiva. No viés sintático, a análise se apresenta da seguinte maneira: sujeito (volta) + complemento nominal (às aulas) + verbo de ligação (ser) + predicativo do sujeito (tudo de bom). No segundo caso, por sua vez, morfologicamente tem-se: substantivo (moda) + preposição (com) + substantivo (prazo) + verbo de ligação (ser) + pronome indefinido (tudo) + locução adjetiva; sintaticamente observa-se: sujeito (moda com prazo) + verbo de ligação (ser) + predicativo do sujeito (tudo de bom) formado como no exemplo anterior. Semantica-

mente, o pronome “tudo” expressa a noção de totalidade ou o conjunto daquilo que se mencionou ser bom. Diante disso, observa-se que a análise da referida propaganda, sob o viés da gramática tradicional, não é suficiente para se perceberem as minúcias em tela, uma vez que desconsidera por completo o contexto em que o enunciado é produzido.

### PROPAGANDA 01

VOLTA ÀS AULAS É  
**TUDO  
DE  
BOM**

em até  
**5x**  
Gaston

**Gaston**  
Moda com prazo é tudo de bom.

The advertisement features a young girl in a red dress and a boy in a dark blue shirt and shorts, both smiling and holding large, colorful pencils. The background is a solid light blue. The text 'VOLTA ÀS AULAS É TUDO DE BOM' is prominently displayed in large, colorful letters. In the bottom left, there is a circular logo with 'em até 5x' and 'Gaston' next to a small image of a yellow clothing tag. In the bottom right, the brand name 'Gaston' is written in a large, red, stylized font, with the tagline 'Moda com prazo é tudo de bom.' underneath.

Fonte: <<http://www.competence.com.br>>. Acesso em: 05/06/2013.

Por outro lado, em uma análise de cunho funcionalista, há a necessidade de se ir além do sistema da língua, pois esta parte de uma concepção de linguagem como interação e é neste sentido que se deve também analisar todo o entorno situacional, isto é, o contexto e seus elementos contextualizadores. Com isso, observam-se na propaganda acima as imagens que se configuram em seus elementos não verbais, nela aparecem duas crianças aparentemente felizes segurando objetos em formato de lápis gigante. Infere-se, assim, que as crianças estão contentes não apenas com a volta às aulas, mas com a possibilidade de compra de diversos produtos de uso escolar, e na esteira desses, os de vestuário que iram ganhar dos pais. É nesse sentido que a peça publicitária se insere e também se legitima, visto que o enunciador é a própria empresa Gaston, especializada em moda adulto e infanto-juvenil, como dito.

Quanto ao enunciado fixado na parte inferior do lado direito “Moda com prazo é tudo de bom” – entende-se que este é o momento em que os pais têm um gasto elevado e, com isso, precisam de algum prazo para adquirir os produtos necessários para a volta escolar dos filhos. Na propaganda, a empresa Gaston fornece para o pagamento da dívida, parcelamento em até cinco vezes no cartão. Essa atitude é vista como estratégia persuasiva para atrair os pais que precisam desse recurso para garantir a compra dos produtos que os filhos necessitam.

Além das análises feitas acima, faz-se indispensável aprofundar o conhecimento acerca do contexto situacional da propaganda. Como mencionado anteriormente, o contexto situacional apresenta três aspectos constitutivos, isto é, *campo*, *relação* e *modo*. O aspecto *campo*, segundo Furtado da Cunha e Souza (2011) é a prática social onde os textos estão inseridos, no caso desta propaganda é o próprio retorno às aulas que ocorre todo início de ano em nosso país, onde culturalmente há um gasto elevado pela compra de diversos produtos escolares e de vestuário por parte dos pais. Já no aspecto *relação*, observa-se uma informalidade por meio da expressão “tudo de bom”, recorrente na fala cotidiana. Por último, percebe-se no aspecto *modo* o diálogo entre os elementos verbais e os elementos não verbais, próprios desse gênero textual.

A peça publicitária evidenciada abaixo (**PROPAGANDA 02**) faz parte de uma campanha de incentivo à leitura promovida pela revista *Educar para crescer*. Nesse sentido, imperam na propaganda linguagem verbal e não verbal. No momento, restringiremos nossa análise aos signos verbais que compõem o enunciado “Exemplo é tudo!”, cuja análise morfológica compreende a seguinte estrutura: substantivo (exemplo) +

verbo de ligação (ser) + pronome indefinido (tudo). Sintaticamente, também pelo viés tradicionalista, tem-se a estrutura: sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito. Assim, de acordo com a gramática normativa, o pronome “tudo” predica o sujeito exemplo dando a ele o sentido de ser essencial para motivação do hábito de leitura nos filhos.

### PROPAGANDA 02

Dica do dia

IMAGINAÇÃO

EXEMPLO É TUDO!  
LEIA COM O SEU FILHO  
TODOS OS DIAS.

Quem lê adquire cultura, escreve melhor, desenvolve o senso crítico, amplia o vocabulário e melhora o desempenho escolar.

EDUCAR  
PARA CRESCER

Fonte: <<http://www.editoraalvorada.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10/06/2013.

Novamente, nota-se que o viés tradicional de análise não é suficiente para compreensão em totalidade da propaganda em questão. A partir de um olhar funcionalista, observamos ainda que a Editora Alvorada figura como o enunciador, sendo o público alvo da peça publicitária os pais, uma vez que a frase “Leia com seu filho” é direcionada a essa classe.

Observa-se que a relação dialógica estabelecida entre a empresa e seu público alvo é de ordem ou aconselhamento, percebe-se isto através do uso do verbo “ler” flexionado no imperativo: “leia”. Aqui, o contexto situacional é obtido por meio da interação entre os elementos verbais e os não verbais. Tem-se, de um lado, os enunciados principais “Exemplo é tudo” e “Leia com o seu filho todos os dias”, e por outro, o desenho de uma mulher deitada de bruços lendo um livro, como personificação de uma mãe; ao seu lado, uma criança sentada fazendo o mesmo. Interessante notar o uso da preposição “com” na frase imperativa, o que reflete a intenção do enunciador – frisa-se, Editora Alvorada – de incentivar a leitura como ato individualizado por pais e filhos. Isso é reiterado na imagem citada, em que se observa que a leitura da mãe e do filho, embora ocorra em um mesmo espaço físico, é feita em separado.

Percebe-se, assim, que a prática social envolvida é a própria leitura ou o gosto pela leitura, vista como algo que os pais, através do próprio hábito, devem despertar nos filhos, o que legitima o uso da frase “Exemplo é tudo”. Dessa forma, nota-se que a frase em que a estrutura “tudo” aparece não é meramente um evento gramatical, mas que se relaciona intimamente com todo o contexto envolvido na peça publicitária. O termo “tudo” expressa a ideia que mais eficaz que exercer sua autoridade enquanto pais, estes devem dar exemplo aos seus filhos.

## **6. Considerações finais**

Distinta de uma visão abstrata e autônoma de língua, as abordagens funcionalistas procuram conceber a língua como um instrumento de comunicação em suas diversas situações de uso. Nesta perspectiva, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003) as estruturas das expressões linguísticas são consideradas como configurações de funções, e cada função é vista como um diferente modo de significação na oração.

Neste sentido, procuramos fazer um breve estudo das expressões “tudo de bom” vs. “tudo” e observamos que as expressões são de uso de uma fala mais informal e foram utilizadas pelas peças publicitárias como estratégia persuasiva para aproximar, através da linguagem coloquial, os enunciadores das peças, isto é, as empresas e o público alvo. Notamos também, que as expressões predicativas estão em processo de concorrência, visto que a locução adjetiva “de bom” é muito recorrente na fala, isto talvez explique o motivo de seu apagamento em algumas situações. Desse modo, para dar expressividade à mensagem, percebemos que há na fa-

la informal a preferência de uso apenas do pronome indefinido “tudo” no sentido de predicar algo.

Diante do exposto, entende-se que a análise tradicionalista não se faz suficiente para compreensão semântico-pragmática dos textos em questão. Sabe-se que essa é uma opção de recorte feita nessa análise. Contudo, vislumbramos como pertinente a inserção das figuras dos interlocutores no processo de interpretação/análise textual, assim como a considerar o contexto situacional envolvido. Isso porque, entendemos que

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2011, p. 11).

Dessa forma, não se podem desconsiderar por completo as intenções que o produtor tem no momento da produção textual, nem mesmo as possíveis interpretações que o leitor pode fazer, isso por meio da análise textual, haja vista que o texto é o elo que une esses interlocutores.

É válido mencionar que nossa intenção não é desqualificar a análise gramatical tradicionalista. Reconhecemos sua relevância no ambiente textual, sabendo que é primeiramente por ela que se há a interação entre os interlocutores, uma vez que ela é, geralmente, a camada textual mais acessível na superfície do texto, no que tange ao gênero propaganda, por este fazer uso amplo de termos mais facilmente entendíveis.

Entretanto, não podemos deixar de mencionar as lacunas que essa análise possui. Sendo assim, propomos uma análise em conjunto dessa visão e a funcionalista. Frisa-se que vemos as pesquisas tradicionalistas e funcionalistas como concorrentes, mas sim como possivelmente complementares no momento da análise.

Em vista disso, faz-se necessário que, em sala de aula, o professor reconsidere suas práticas unindo ao ensino do normativo a visão funcionalista; permitindo, assim, uma leitura mais aprofundada do texto em questão. A postura docente deve, portanto, ser a de incentivar o aluno a fazer suas próprias leituras dos textos trabalhados, levando em consideração o contexto em que estão inseridos, a fim de que se tornem bons leitores, capazes de empreender a reflexão crítica, não só por meio da propaganda, mas de tudo o que representa a realidade da qual são participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIM, Tânia. Sociolinguística – parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-47.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CALLOU, Dinah. LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FRANCHETTO, Bruna. LEITE, Yonne. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed., 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013, p. 157-176.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 17-28.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Miranda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza e Silva; Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *O funcionalismo em linguística*. São Paulo: Martins Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é Linguística?* São Paulo: Brasiliense, 1987.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. *Os estruturalismos funcionais*. São Carlos: Claraluz, 2006.

SANDMANN, Antônio. *A linguagem da propaganda*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.